por elas – relativas a parcerias, redes de sociabilidade, constrangimentos sociais, juízos estéticos enviesados – é responsável pelo alcance da interpretação.

A pesquisa alentada – aqui e na França – e o viés comparativo sustentam a inteligência deste livro. Incontornáveis, *Mulheres Modernistas* e *Profissão Artista* abrem uma clareira na história da arte brasileira.

HELOISA PONTES
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Como explicar o sucesso de certas mulheres no meio artístico modernista, cujo protagonismo é atribuído quase sempre a figuras masculinas? Foi justamente no Brasil que duas pintoras – Anita Malfatti e Tarsila do Amaral – se notabilizaram como as grandes pioneiras de nosso modernismo. Atenta às dinâmicas internacionais da arte moderna e em diálogo crítico com os paradigmas da historiografia da arte feminista, Ana Paula Simioni discute essa singularidade do país. O contraponto com uma artista menos reconhecida e introdutora das artes decorativas no Brasil – Regina Gomide Graz – adensa a análise com um olhar inovador para as relações entre materialidades artísticas e gênero. O êxito dessas artistas não se fez a despeito do gênero, mas por meio dele. *Mulheres Modernistas* suscita uma reflexão crucial e inédita sobre as oscilações históricas do reconhecimento dessas artistas.

edusp 60 anos
FAPESP
ISBN 978-65-5785-044-6

ANA PAULA CAVALCANTI SIMIONI

MULHERES MODERNISTAS

ESTRATÉGIAS DE CONSAGRAÇÃO NA ARTE BRASILEIRA

edusp

ANA PAULA CAVALCANTI SIMIONI



MULHERES MODERNISTAS

ESTRATÉGIAS DE CONSAGRAÇÃO NA ARTE BRASILEIRA





Quem primeiro chamou a atenção para as pintoras de maior prestígio do modernismo brasileiro, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, foi Mário de Andrade. Em 1924, em carta escrita a Anita, ele sublinha a admiração crescente pelo trabalho de ambas. "É engraçado!" – constata Mário – "a pintura brasileira hoje está dependendo das mulheres e nas mãos delas!"

O enigma do sucesso que alcançaram desafia o paradigma da exclusão das mulheres na história da arte, ao mesmo tempo que obriga a rever o assunto pela leitura cruzada de obras e trajetórias, como vem fazendo a socióloga Ana Paula Simioni. De início, por meio do recuo em relação ao modernismo e da aposta no estudo das pintoras e escultoras acadêmicas. Em *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras* (Edusp, 2008), Simioni mostrou que, apesar dos obstáculos e de terem sido quase sempre relegadas à posição de amadoras, havia um contingente nada desprezível de pintoras e escultoras. As modernistas Tarsila e Anita não surgiram do nada.

Antevista em *Profissão Artista*, essa compreensão se alarga neste livro. Ocupando lugares contrastantes no discurso da crítica – a *musa*, no caso de Tarsila, e a *mártir*, no de Anita –, a singularidade de ambas ganha angulações inovadoras. O cotejo com Regina Gomide Graz, pintora e decoradora de interiores aprisionada na categoria "esposa", é decisivo para a apreensão dos limites da radicalidade do nosso modernismo. A recuperação da trajetória dessas três artistas à luz da inscrição diversa que tiveram no cenário internacional é fundamental para a análise das obras e da recepção no país. O adensamento da trama das injunções vividas

Mu_mod_CAPA_lombada 16mm.indd 1
23/03/22 17:05